

## OBJETOS COTIDIANOS E SORORIDADE: UM ENCONTRO RESILIENTE RESSIGNIFICANDO FORMAS DE VIDA

ANDRÉA DE OLIVEIRA LOPES<sup>1</sup>;  
HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [deiaolopes@gmail.com](mailto:deiaolopes@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [sacco.h@gmail.com](mailto:sacco.h@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho revela um recorte de uma pesquisa que está sendo realizada com um grupo de mulheres que frequentam o CRAS - Centro de Referência e Assistência Social vinculado à Prefeitura Municipal de Pelotas – o qual proporciona a esse grupo de mulheres moradoras do bairro Fragata, encontros semanais com o objetivo de fortalecer vínculos, bem como a prática de trabalhos manuais. Na qualidade de aluna da UFPEL, do curso de Artes Visuais Licenciatura, a partir do segundo semestre de 2017, fui convidada pela Psicóloga do CRAS para participar de alguns encontros do grupo como monitora e oficinaira, oportunidade em que desenvolvi atividades voluntárias de arte-educação e criação de objetos artesanais.

Neste contexto surgiu meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em um ambiente de aprendizagem não formal, em que busco problematizar de que maneira as proposições artísticas com objetos cotidianos, trabalhadas em um contexto de muita sororidade, podem auxiliar a revelar formas de vida e, assim, a invenção de si.

Pelo termo sororidade podemos entender por um contexto de total solidariedade feminina, um ambiente frequentado apenas por mulheres que se admiram, se respeitam e que se encontram unidas em busca de um mesmo objetivo: a emancipação feminina, a conquista pela libertação dos preconceitos e da opressão ainda muito presente na sociedade.

Neste ambiente de convívio semanal em que os objetos cotidianos estão sendo utilizados como suporte para falar da vida, a proposição apresentada de inventário e criação de vitrines, não é vista como um fim em si, mas como um processo em ambiente relacional e colaborativo nutrido por muita sororidade.

O filósofo Nicolas Bourriaud, em sua obra *Estética Relacional* (2009) nos revela a importância da criação de espaços que possibilitem a existência de relações humanas, como essenciais a implementação de novas formas de vida.

A formação desse conjunto de características que envolvem o estar junto, o compartilhar, estão compreendidas desde o momento em que pensamos na criação de objetos, os quais resultam em novas possibilidades de vida, em um “bloco de afetos e perceptos” (Deleuze/Guatarri apud Bourriaud): “a arte mantém juntos momentos de subjetividades ligados a experiências singulares” (BOURRIAUD, 2009, p. 27).

Dentro da lógica da industrialização que invadiu nosso cotidiano, convém refletir sobre este aspecto, com o auxílio da artista e pesquisadora Helene Sacco (2014), de que nesta nova etapa da civilização, em que havia a promessa de que o progresso nos traria uma melhor qualidade de vida, acabamos sendo levados a trabalhar mais do que antes, a consumir mais do que antes tornando nossas vidas ainda mais circundadas por objetos, ou seja, o consumo desenfreado tornou nossas vidas objetificadas, coisificadas pelo capitalismo doentio (p.362).

Já o filósofo Jean Baudrillard, no livro *O Sistema dos Objetos* (2008), equipara o consumo não a necessidade, a qual assim que satisfeita acabaria por cessar, mas a uma ausência, que o consumo se encarrega de suprir (p.210).

No processo de invenção de si, segui as pistas trazidas no livro *Invenção de si e do Mundo* (2007), da psicóloga e pesquisadora Virgínia Kastrup, a qual afirma que o ato de aprender é experimentar incessantemente, impedindo que a aprendizagem se torne um hábito consolidado, engessado, devemos fugir ao controle da representação (pág.174). Segundo a autora, as formas de ação imersas num devir criativo, ocasional e temporário, abertas para acolher problematizações que lhes chegam, não se eximem à permanente aprendizagem e podem concorrer para novas formas de existência e para diferentes estilos de vida (idem, pág. 239).

Nesta trajetória de inventar-se a partir de objetos cotidianos, a pesquisa foi sendo enriquecida pela aproximação com os objetos, entende-os melhor dentro de uma perspectiva infraordinária, que significa tornar visível o que já não era mais percebido pela repetição e pelo hábito, novamente o hábito como limitador, não somente do processo de invenção de si, mas, também, do processo de percepção. O escritor francês Georges Perec (1932-1986), em um de seus ensaios denominado *Abordagens de que?* (1989), apresenta uma narrativa que auxilia a identificar o quanto nosso olhar e percepção estão automatizados a contemplar fatos e acontecimentos que involuntariamente nos chegam: os fatos fantásticos, as coisas extraordinárias, as catástrofes, em detrimento da simplicidade que nos constitui e que nos cerca, a qual efetivamente se traduz em nossa valiosa essência.

Para além do consumo, reflito sobre a relação existente entre o livro *O Museu da Inocência* (2011) de Orhan Pamuk, com as diferentes maneiras de os objetos biográficos revelarem um pouco de nós. Esse escritor de nacionalidade turca, conjuntamente ao ato de construção da narrativa, teve seu processo atravessado pela coleta de objetos para criação dos personagens, o que resultou na materialização do Museu da Inocência<sup>1</sup>, o qual foi construído na cidade de Istambul, Turquia. Neste Museu nos deparamos com objetos do cotidiano que os personagens do romance usavam, ouviam, viam, coletavam e sonhavam, tudo minuciosamente arrumado em caixas e expositores, uma vitrine para cada capítulo do livro.

Por intermédio desta estratégia do autor, tive a oportunidade de compreender com muita clareza que os objetos carregam memórias e que ao serem subjetivizados, passam a dizer muito mais de seu contexto do que quando ocupavam simplesmente o espaço utilitário (MACIEL,2004).

## 2. METODOLOGIA

A convivência com este grupo me proporcionou identificar que aquele espaço de encontros organizado em momentos de compartilhamento e trocas, reunia um conjunto de características sociais, emocionais e culturais capazes de influenciar no comportamento das participantes. Foi a partir desta constatação que o rumo de nossos encontros tomou um percurso cartográfico, em que minha fala foi sendo substituída pelo olhar atento aos gestos que foram se construindo, os movimentos incertos e de muita liberdade, proporcionando abertura para narrar o percurso à medida em que vamos nos inventando, descobrindo novas e imprevisíveis formas de nossa subjetividade.

---

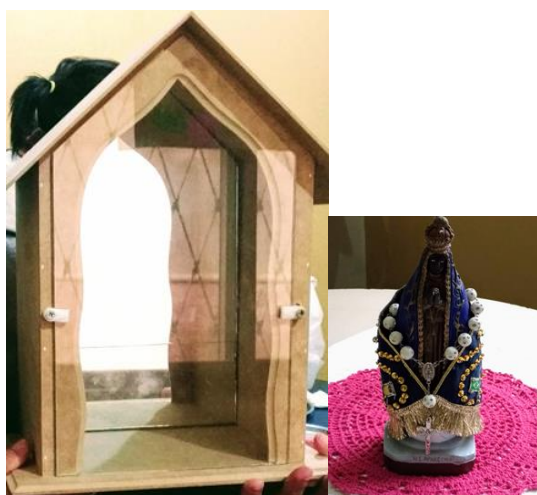
<sup>1</sup> **Museu da Inocência:** <https://artsandculture.google.com/exhibit/XgJylqBekvaEKw?hl=pt-BR>

Para tanto apresentei como proposição a criação de vitrines, as quais decidi chamar de Relicários do Cotidiano - um lugar destinado a guardar e proteger coisas preciosas, pequenas relíquias - que estão sendo construídas a partir de objetos pessoais das participantes do grupo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em pleno andamento de realização da proposição, estamos na fase de inventário dos objetos, percebendo os inventários de si e as (re)significações, onde ao falar dos objetos, emergem falas da vida. Estamos no caminho, cartografando cada passo que nos permita inventar modos de ser, descobrir os outros eus que nos habitam, a possibilidade de criar uma inscrição existente na essência e no conteúdo desta proposição.

Abaixo trago imagens que traduzem um pequeno recorte das revelações que estão surgindo nos encontros com o grupo (Figs.1 e 2), bem como a imagem de uma das vitrines do Museu da Inocência de Pamuk (Fig.3):



Figs.1 e 2: Objetos das mulheres do grupo  
Fonte: arquivo da autora. 2018



Fig.3: Vitrine nº 25 (2012) – A agonia de esperar. Fonte: Google Arts & Culture

Durante a ocasião de relato sobre os objetos trazidos nas figs. 1 e 2, pude observar a postura de M. enquanto falava. Um momento único, um momento de empoderamento e muita sororidade. Tive a nítida percepção do quanto lhe havia sido necessário aquele gesto de compartilhar a sua escolha pela imagem de Nossa Senhora Aparecida, bem como pela capela onde pretende guardar a Santinha, a materialização de sua esperança e fé, aquela que protege, ampara e conforta. Nesta ocasião, M. compartilhou com o grupo um sério problema de saúde que está vivenciando, no entanto, mesmo diante deste momento difícil, carregava no olhar uma serenidade, um entendimento e maturidade sobre a vida, que repercutiu fortemente em cada uma das integrantes do grupo, o que pude observar pelo silêncio gerado, bem como pelos gestos e feições presentes no rosto de cada uma das participantes.

O processo de criação dos relicários tem nos proporcionado exatamente este tipo de aprendizado. Tem oferecido às mulheres novas formas de promover a reflexão, a percepção e o reconhecimento dos saberes femininos, a reconfiguração de um novo sentido para as coisas, o que é potencializado pelo ambiente de criação, pelo contexto de convivência em grupo, bem como pela experiência estética em si. Estamos falando da vida, por intermédio da criação poética com objetos.

Na fig.3 encontramos a vitrine de nº 25 do Museu da Inocência de Pamuk. Esta vitrine corresponde ao capítulo 25 do livro, e leva o título: *A agonia de esperar*. Nesta vitrine, aparecem alguns objetos como um relógio de parede, palitos e caixas de fósforos, uma xícara de chá usada no primeiro encontro. O personagem olhava pela janela, mantinha o olhar fixo em imóveis que se encontravam a sua frente e que estão representados nas fotos, enquanto os relógios tiquetaqueavam. Tais objetos, segundo o autor, sugerem como o personagem passava pelos arrastados 15 min que levava para aceitar que sua amada não iria aparecer ao encontro.

Com o auxílio das imagens trazidas acima, busco destacar a relação dos objetos cotidianos com o nosso contexto de vida. A maneira como eles falam por si e como falam conosco. A potência que os objetos trazem de depositar nos ambientes construídos uma extensão do nosso eu, um pequeno recorte da realidade que nos revela.

#### 4. CONCLUSÕES

Neste sentido, considero que o maior ganho das mulheres com esta pesquisa é o processo percorrido, aquele que oportuniza trocas, autoconhecimento e gera reconhecimento de seus saberes e vida, a partir da construção de uma poética que contém aspectos pessoais palpáveis de cada mulher, onde existe a possibilidade de maior compreensão sobre suas próprias experiências, pois creio que não raras vezes, as palavras parecem insuficientes para traduzir toda a fragilidade de nossos sentimentos, os quais uma vez compreendidos, nos empoderam e nos libertam.

Contudo, ousaria dizer que o maior ganho nesta pesquisa, é o aprendizado que vem sendo adquirido pela própria pesquisadora. Fazer parte desta experiência, conhecer a intimidade destas mulheres, refletir sobre suas formas de vida, repercute diretamente em meu processo pessoal de crescimento e percepção de mim e do mundo que me cerca. Me tornei mais atenta aos detalhes, as pequenas coisas que haviam se tornado invisibilizadas, mais humana, mais viva.

Percebo, por fim, que com a problematização da nossa relação com as coisas, revelando as formas de vida, as vivências femininas, o contato com o fazer artístico e a liberdade que este provoca, vislumbro a possibilidade de um futuro mais emancipador e resiliente para estas mulheres.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- KAstrup, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.
- MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro. Lamparina, 2004.
- PAMUK, Orhan. **O Museu da Inocência**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PEREC, Georges. **L'infra-ordinaire**. Paris: ÉditionsSeuil, 1989.
- SACCO, Helene Gomes. **A (re)fábrica**: Um lugar inventado entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. Tese de Doutorado. PPGAV UFRGS, 2014. Acesso em maio/18: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116093>